

Museu de Saúde Pública “Emílio Ribas”

*Entrevista com Jandira Lopes de Oliveira*¹²

Vamos começar, Jandira, fala um pouco sobre a sua trajetória, onde você nasceu, os estudos...

Nasci em 1949, em São Paulo, no bairro do Sumaré. Estudei em escola pública, na Caetano de Campos, na Praça da República que, na época, era uma das melhores escolas de São Paulo; entrei lá no jardim da infância e saí de lá pra entrar na PUC.

Fiz a PUC numa época política muito dura; entrei em 1968, no auge da repressão política e em decorrência disto, o curso de História foi muito ruim! Muitos bons professores ou estavam presos ou estavam fora do país, além da censura... Mas a PUC nessa época fez uma coisa muito legal: deu “abrigo” aos professores que estavam sendo perseguidos na USP, que foram então pra PUC, só que a gente muitas vezes não tinha aulas. Mas, enfim, a gente teve uma boa formação de História vivida. E eu acho também que isto me deu uma grande liberdade, pois como sempre fui muito curiosa, eu buscava o conhecimento em outras cadeiras das Ciências Humanas, assisti muitas aulas nas Ciências Sociais, fui monitora de Antropologia e Sociologia, então à medida da minha necessidade e para satisfazer minha curiosidade, eu procurava quem podia me dar o que precisava. Isso foi ótimo, quer dizer, eu tive mais uma escola de vida, do que escola formal. Como é que eu comecei a trabalhar com patrimônio... Tinha a esposa de um amigo do meu sogro, que foi a pessoa que criou o CONDEPHAAT³, Dona Lúcia Falkenberg. Ela me chamou pra trabalhar lá no CONDEPHAAT, eu entrei como Historiógrafa...

Você estava na graduação ainda ou já estava formada?

Não, já estava formada.

E durante a graduação você já tinha alguma predileção em trabalhar com isso?

Pois é, quando estava na graduação pensava em ser professora da PUC, pois tinha sido monitora durante três anos (do 2º ao 4º ano), fui monitora de Sociologia e de Antropologia, só que quando eu me formei, não apareceu essa chance...

¹ Jandira Lopes de Oliveira, historiadora e diretora do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas por mais de vinte anos, de 1981 a 2007. Foi uma das responsáveis pela criação do Museu Histórico do Instituto Butantan.

² Entrevista realizada por Catia Alves de Senne e por Flavia Andréa Machado Urzua, documentalistas do Núcleo de Documentação do Instituto Butantan, no dia 9 de junho de 2011.

³ CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Enfim, em 1973 eu me casei, tive três filhos em seguida, então fui trabalhar com a Dona Lúcia, como autônoma, trabalhei primeiro no IHGGB, Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, que foi também uma grande escola pra mim, foi quando tive abertura para uma nova escola: de museologia. Nós queríamos fazer uma história do litoral paulista através da história dos Fortes, com exposições e um roteiro pelos Fortes e... Enfim, não deu certo. Saí então do IHGGB e fui trabalhar no CONDEPHAAT como Historiógrafa, que vai inclusive dar a minha origem na Secretaria da Saúde. Me deram pra informar o processo de tombamento do Instituto Butantan, com a seguinte recomendação: Faça uma coisa sucinta, simples, pois o tombamento seria praticamente uma certeza.

Isso você morava no Guarujá?

Não, o IHGGB a sede era aqui, perto do Ibirapuera, mas o Instituto tinha a guarda do Forte de Bertioga. Bom, fui lá, no Instituto Butantan. Procurei a biblioteca, caminho óbvio de qualquer historiador. Falei com a bibliotecária, Dona Carmen, e ela falou: “Espera um momentinho, tem que falar com o diretor.” Pensei: “Puxa! Que coisa complicada... Informação sobre a história do Instituto tem que falar com o diretor?” Fui lá falar com o diretor e ele: “Ah, não, porque, olha, a gente quer criar um museu. Você vai ficar aqui fazendo o museu do Butantan.” Eu falei: “Meu senhor, eu sou funcionária da Secretaria da Cultura, não posso vir pra cá. Posso até ajudar o senhor, mas formalmente sou de outra Secretaria, eu não posso vir pra cá.” Eu indiquei a Prof^a. Marlene Suano e o Prof. Ulpiano⁴ que eram também do CONDEPHAAT, pessoas com uma trajetória profissional brilhante. A Marlene chamou o Júlio Abe Wakahara, que é um grande museógrafo e fez coisas maravilhosas, também entrei novamente em mais uma “escola de formação”. Bom, resumindo, houve um grande corte de pessoal no CONDEPHAAT. Eu saí de lá e aí a Marlene: “Não, você vem pra cá, vamos montar o museu do Butantan, e etc...” Bom, eu tinha o mesmo brilho dos olhos de vocês, viu? Eu meço as pessoas muito pelo brilho do olho, vejo um espelho meu em vocês, do que fui há quarenta anos atrás e isso é muito bom. Eu fiquei maluca com aquele Instituto. Falava com um e com outro, ia de área em área perguntar sobre documentos escritos ou objetos, trabalhando assim com entusiasmo.

E aí você entrou no Butantan através de concurso? Como é que foi?

Não. Eu entrei primeiro dentro deste projeto de criação do museu, era um contrato de duração pequena. Foi definido que faríamos uma reconstituição do

⁴ Marlene Suano e Ulpiano Bezerra de Menezes são docentes do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

laboratório original do Vital Brazil. Nessas minhas andanças pelo Instituto teve alguém que me falou assim: “A senhora vai lá no almoxarifado que tem um monte de papel velho.” “Tem? Eu vou lá.” Fui lá. Gente, profissionalmente foi a maior emoção da minha vida! Tinha poeira de cem anos aquilo lá, literalmente poeira de cem anos. Eu abro o pacote e tinha os manuscritos do Vital Brazil. Eu achei todos os relatórios anuais do Instituto. Foi assim uma loucura! Eu chegava cedo lá no Butantan e ia embora, às vezes eu perdia a noção da hora, eu saía quando estava escurecendo, mas não sabia que horas que eram, porque, imaginem, é a arca do tesouro pra qualquer historiador.

Com certeza.

Bom, nessa época o diretor dava um apoio muito grande...

Quem que era o diretor na época?

Bruno Soerensen, um paraguaio, muito temperamental. Ele inclusive me criou uma situação muito constrangedora, porque ele pôs o Museu Histórico subordinado à Diretoria Técnica. Aí a diretora na época da Divisão Cultural ficou uma fera e achando que eu que tinha pedido, eu falei: “Mas, minha senhora, eu não tenho nada a ver com isso”. Foi uma decisão do diretor, pois o Museu era a “menina dos olhos” dele. Aí, nesta altura dos acontecimentos, eu já trabalhando de graça, pois já tinha acabado o projeto de criação do Museu Histórico. Mas meu entusiasmo era muito grande, tanto que mudei meu tema de mestrado.

E qual que era o seu tema?

Quando eu entrei no mestrado eu ia fazer sobre as Escolas Anarquistas do Ferrer y Guardia, parte importante do movimento anarquista em São Paulo, o que também explica um pouco a minha cabeça.

Então, se você estava toda compenetrada no projeto do Butantan...

Pois é... E o anarquismo acabou mais como uma visão de mundo... Bom, eu larguei o projeto do anarquismo e assumi o do Butantan. Nesse meio tempo, eu não sei precisar data que eu nem me lembro, acho que 1979/80, foi criado o cargo de historiógrafo na Secretaria de Saúde e realizado um concurso, pois era necessário dar continuidade ao projeto do Museu Histórico. Eu prestei o concurso e obviamente que entrei. Lógico, eu tinha muito mais condição que qualquer outro: eu estava respirando e vivendo 24 horas por dia o Instituto Butantan. Bom, aí a gente começou um trabalho realmente de ordenar o material, a gente usou inclusive provisoriamente as instalações de um dos biotérios que tinha sido desativado, que é na parte de baixo, não sei se existe ainda...

Tem...

O material foi pra lá, os relatórios anuais foram para o prédio da biblioteca e a gente começou a trabalhar com isso. Bom, um dia desses uma filha minha, (tenho três filhos, tudo já beirando os 40 anos) me falou uma frase que me deixou a pensar. A gente estava falando de trabalho, não sei o que... Ela falou: “Mãe, você era diferente, sabe por quê? Normalmente as pessoas trazem o trabalho pra casa, você levou a casa para o trabalho.”

Inverteu.

É. E realmente eu tinha isso. Eu gostava muito de mostrar o museu pras pessoas e sempre essa coisa... Olha, um cafezinho. Quer uma bolachinha? Isso é um traço de personalidade meu que deixava as pessoas muito soltas, muito à vontade e olhavam aquilo com outros olhos, porque a forma de você receber é muito importante, isso no museu é fundamental.

E você se lembra se o museu foi inaugurado antes ou depois de você entrar na carreira?

Não, o museu foi inaugurado antes. Foi o resultado do contrato inicial.

Depois...

Foi inaugurado em 1980.

Você daí ficou como diretora do museu?

Fiquei como diretora do museu informalmente, pois meu cargo era de historiógrafa.

Só tinha você de funcionária do museu...

É. Depois entrou mais uma moça, não ficou muito tempo, a Paula, não sei o sobrenome dela.

E como foi o processo de montagem do acervo, montagem da exposição...

Então, a montagem do acervo foi nessa época que a gente estava lá com força total e entrando nas áreas e pedindo e lendo muito os documentos, viabilizando o projeto. Tanto que é uma “reconstituição”, foi aquilo que a gente conseguiu o mais próximo da fotografia do laboratório original do Butantan.

Os laboratórios colaboraram nesse processo?

Muito. Muito. Inclusive, não sei se hoje é assim, não deve ser mais, mas a gente brincava que lá no Butantan as cobras venenosas eram as fora do serpentário, porque

era uma briga entre as áreas terrível! Uma disputa, uma ciúmeira, não sei o que... Mas, eu não sei por que, acho que esse jeito meio simples meu, eu entrava em todas as áreas e sempre fui muito bem recebida...

E você ia sozinha...

Eu ia sozinha, eu entrava, ia perguntar o que era, como é que funcionava, o que o senhor acha de importante que poderia ir pro acervo, o que tem aí que possa doar pro museu. O chefe da área de Química, Dr. Nilton, esqueci o sobrenome dele, um dia ele falou assim: “Olha, o Hoge⁵(era o chefe da Herpetologia) tem guardado uma coleção de ácaros fabulosa que deveria estar no Museu Histórico, só que ele não quer dar pra ninguém. Parênteses... O Dr. Hoge ficou muito meu amigo, ele e a muito querida Dona Alma, mulher dele. Eu tinha a seguinte “missão”, eu tinha que chegar cedo no Butantan, pegar o Dr Hoge, (ele também gostava muito de mim) e tinha de levá-lo pra tomar café no bar, era um jeito do Dr. Hoge sair do laboratório e andar. Um dia eu chego lá, brava com ele: “O senhor tem essa preciosa coleção de ácaros e o senhor não quer dar pro museu? Eu vim aqui buscar.” Ele olhou pra mim, fez uma cara assim meio brava meio surpresa. Ele falou: “Quem foi que falou isso pra você?” Falei: “Não posso contar.” “Fala que é importante.” “Foi o Dr. Nilton.” “Quá quá quá quá...” Eram bichos vivos! Acho que foi essa coleção que foi perdida no incêndio recente no Butantan. Imagine! Eu levar a coleção de ácaros para o museu, eu nem sabia o que eram ácaros! Enfim... A gente montou o Museu e o pessoal todo colaborou, apesar dessa ciúmeira, dessa disputa interna.

E você trabalhava com a parte de arquivo também? Como que foi isso?

Calma. Não tinha formação nenhuma de arquivo e aí de novo, como eu disse pra vocês, lá fui eu atrás da informação; então fui procurar onde é que tinha cursos de arquivo, mas isso só encontrei mais tarde com o IEB. Foi o primeiro curso que teve em São Paulo. Um dia eu estava lá no museu recebendo visitas e estava um senhor muito distinto, magrinho, uma figura linda que veio visitar o museu e eu... Cafezinho, bolachinha... Ele disse: “Você não quer me ajudar? Eu sou do Museu Emílio Ribas e a gente vai comemorar 100 anos dos Serviços de Saúde Pública, você não pode me ajudar?” Falei: “Lógico! Posso ajudar o senhor, imagine, o que o senhor precisa, a gente ajuda, etc...” Bom, passou uma semana, saiu o meu nome publicado no Diário Oficial numa comissão de alto nível no Gabinete.

⁵ Alphonse Richard Hoge, diretor do Laboratório de Herpetologia do Instituto Butantan.

Esse senhor era o...

Dr. José Antônio Alves dos Santos⁶, que inclusive morava no Sumaré na rua de cima onde eu tinha morado toda minha infância. Ele é que indicou meu nome no Gabinete do Secretário da Saúde. Essa comissão tinha grandes nomes do Adolfo Lutz, da Faculdade de Saúde Pública, etc. Bom, deu uma guerra, gente, foi a “terceira guerra mundial”, porque alguns no Butantan estavam achando que eu tinha tramado politicamente. Gente! Não passava nada na minha cabeça, de coisa política, nem nada. Eu estava pouco me importando pra aspectos políticos, pois eu trabalhava porque gostava e se oferecia ajuda a quem pedisse, era só pelo prazer, até porque o salário era muito baixo. Eu estava lá porque eu estava fazendo o que eu gostava. Bom, resumindo de novo, eu ia pra reunião e me cortavam o ponto!

Esse conselho era o conselho de...

Era a Comissão de Organização do Centenário dos Serviços Estaduais de Saúde Pública.

Não tinha relação com o museu ou tinha?

Não tinha, diretamente com o Museu [Histórico] do Instituto Butantan não tinha relação nenhuma.

Era uma ação da Secretaria [de Saúde].

É. Da Secretaria, junto ao Gabinete. Isso foi na época do governo Montoro, o secretário que foi um grande Secretário e que a Secretaria está em “dívida”, pois nunca fez nenhuma homenagem, foi Dr. João Yunes, que foi inclusive diretor da Faculdade de Saúde Pública. Esse homem era uma cabeça incrível! Fez coisas realmente importantes para a reestruturação dos serviços de saúde; foi o início do processo de descentralização dos serviços de saúde que começou no Governo Montoro (outro grande estadista que São Paulo teve), foi um trabalho lindo. Olha, quem quer fazer tese de doutorado pega esse período da descentralização dos serviços de Saúde Pública, é um período fundamental para compreensão dos dias de hoje. Fechando esse parêntese e voltando ao nosso assunto, aí entra o Dr. Otávio Mercadante⁷ na história. Com essa história de me cortarem o ponto no Butantan, me aborreci e resolvi sair do Butantan, pensei: “Nunca mais ponho meus pés lá!” Eu não sabia que se você fica trinta dias sem comparecer tem um processo administrativo por abandono de cargo e conseqüências administrativas!

⁶ José Antônio Alves dos Santos era assessor técnico da Secretaria de Saúde e foi o principal responsável pela criação e instalação do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas.

⁷ Dr. Otávio Mercadante, foi chefe de gabinete na gestão do Dr. João Yunes.

Mas como funcionou essa negociação, quem ficou no museu...

Mas resolvi que continuaria a colaborar junto à Comissão. Quando fui à reunião, falei: “Olha, gente, eu quero avisar vocês que eu saí do [Instituto] Butantan, não vou mais lá, não piso mais lá, mas eu vou continuar ajudando vocês aqui na Comissão”. O Dr. Mercadante: “Como é que é essa história? Vem aqui, vem me contar isso”. Conteí, falei: “Olha, ele tá riscando o meu ponto, eu não vou mais lá”. Ele: “Pelo amor de Deus, não faça isso”. Aí o Dr. Mercadante fez a minha transferência, justificou a minhas faltas, enfim, me transferiu lá pro Gabinete. Foi assim que fui pro Museu de Saúde Pública Emílio Ribas que o Dr. Santos adorava, pois o Emílio Ribas era de Pindamonhangaba também. Outro parêntese: o Dr. Santos foi outra pessoa injustiçada e esquecida pela SES (Secretaria de Estado da Saúde) e que merece ser lembrada e homenageada. Ele criou o Museu do Emílio Ribas, desde a época do Prof. Leser. Quando vi o Museu pensei: “Meu Deus parece que estamos no século passado! Mais uma vez, mudei meu projeto de mestrado!”

Como funcionou? Quando você foi pra Comissão e qual que era o papel dessa comissão?

Então, a Comissão, o papel era participar da organização dos eventos comemorativos.

E o Museu Emílio Ribas estava incluído.

Estava incluído.

Então o seu contato foi aí, o primeiro contato?

Foi aí, o primeiro contato foi aí. E o foco era o museu.

Ele já estava inaugurado, já estava funcionando?

Estava. Estava. Só que era aquela coisinha bem do século XIX! Pra vocês imaginarem, o Dr. Santos era tão fanático pelo Emílio Ribas que havia alguns documentos que tinham apenas a assinatura do nosso herói. Enfim, não havia um projeto ou um trabalho profissional.

Nossa!

Gente! Eu tinha vontade de chorar, de sentar e chorar. E foi um período assim de tremenda movimentação na Secretaria, porque os serviços, alguns estavam sendo desativados e outros reorganizados, a ideia da descentralização estava se implantando. Então, assim, era uma loucura, eu tinha que subir em boleia de caminhão para ir buscar documentos, pois o risco de se perderem era grande e urgente: era pegar ou largar e eu corria e juntava tudo lá no Museu.

E aí eram levados pro museu?

Pro museu.

Isso no período da Comissão.

É. Da comissão e que vai coincidir depois com a descentralização, em seguida. Então era uma loucura.

Todos os órgãos. Você lembra mais ou menos alguns órgãos que foram mais significativos?

Olha, [o Serviço de] Fiscalização do Exercício Profissional, o diretor era uma pessoa muito legal, aí a gente levou todos os livros da fiscalização; tem inclusive o primeiro livro com o registro de curandeiros em São Paulo. Fantástico. Tá lá a coleção inteira. A Epidemiologia também foi desativada, que o diretor era o Alexandre Vranjac, que hoje é nome de auditório, morreu muito cedo, era uma pessoa e profissional também com uma cabeça muito boa. A gente tinha gente muito boa na Secretaria, nos postos-chave. Na verdade isto foi fundamental pro meu trabalho, pois eles se preocupavam, me ligavam... Jandira vem já, senão vai jogar no lixo. Eu fiz uma coisa que é uma heresia, hoje se você falar para o arquivista o que eu fiz, me internam. Porque você não recebe acervo assim, mas era assim ou nada... Ou leva ou perde. Tinha o almoxarifado lá... Gente foi outra coisa que eu chorei. Jogaram fora um monte de relatórios, mas tiraram as fotografias, então tinha um monte de fotografias sem o relatório. Eu queria morrer. Aí nessas alturas do campeonato já não era Butantan, era o germe do Centro de Memória, então pela terceira vez eu mudo o meu tema de tese...

Você ainda estava vinculada então na PUC.

Estava. Estava quase perdendo o prazo, esse foi outro pedaço. Bom, aí eu desesperada, eu falei: “Eu tenho que me fundamentar.” Aí fui fazer o curso de arquivística, fui da primeira turma. Nesse meio tempo eu fiquei doente de novo também, tive problema de vesícula, tirei vesícula, era um rolo. Com três filhos pequenos... Gente, loucura, loucura, loucura.

E como funcionou essa ação dessa Comissão dentro da Secretaria? Pras pessoas contatarem você pra doar essa documentação.

Pois é, não tinha muito, tinha que eu ir atrás, mas também estando vinculada ao Gabinete as coisas são mais ágeis. Eu corria atrás das coisas e os chefes mais conscientes da importância do projeto também me achavam.

Você que acabava indo.

Eu ia atrás.

Você estava no Gabinete?

Então, eu estava no Gabinete. No decurso da evolução das coisas, da descentralização, se criou um órgão que chamava CADAIS, Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Ações Institucionais. O CADAIS seria o órgão que faria a ligação do Gabinete, ou seja, da formulação das políticas públicas com a base. Na época era a descentralização dos centros de saúde. O Barradas⁸ trabalhou no CADAIS, era um dos assistentes técnicos. Também tinha a Maria do Carmo que foi uma cabeça ótima, a Cáritas Basso⁹ também uma cabeça ótima, tinha gente muito boa, gente muito boa.

Então na Comissão tinha representantes de todos os setores.

Não. A Comissão era o Dr. Cid Guimarães, da Faculdade de Saúde Pública, o Dr. Taunay, do Adolfo Lutz e outros, além do Dr. Santos naturalmente.

Eram alguns notáveis, não eram da Secretaria [de Saúde]...

Numa comissão desse nível, os representantes tinham as idéias e as sugestões, mas, por a “mão na massa” era praticamente eu, com todo o apoio concreto e logístico do Gabinete, lógico.

E tudo isso era levado pro museu?

Pro museu. Aí nessas alturas do campeonato eu estava fazendo o curso de arquivo, daí eu estabeleci que o Museu deveria ser transformado numa instituição mais abrangente: num Centro de Memória dos Serviços Estaduais de Saúde de S.Paulo, que foi a redação da minha tese, minha monografia, comecei com o seguinte questionamento: O que é memória? Que memória que nós estamos tratando? O que é memória social, quais são os registros materiais dessa memória? Foi aí que eu fiz o “grande samba”, entendeu? Eu reuni as áreas de conhecimento: História, Museologia, Arquivística, Saúde Pública. Eu tinha feito um curso no Instituto de Saúde Pública, de Formação de Saúde Coletiva, o que me deu essa visão de que a epidemiologia era também uma ciência histórica, isso me ajudou muito, tive inclusive aula com a Rita Barradas¹⁰, viúva do Barradas, enfim, aprendi a ver estatística, um monte de coisas que pra historiadora era

⁸ Luiz Roberto Barradas Barata, foi secretário da Saúde de 2003 a 2010.

⁹ Cáritas Basso, diretora do CADAIS - Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Ações Institucionais.

¹⁰ Rita Barradas, Professora da Santa Casa de São Paulo

grego. E aí fui fazer o Curso de Arquivo na ECA¹¹ pra estabelecer quais são os critérios que eu usaria pra essa organização do arquivo, porque o cerne da memória de uma instituição é o seu arquivo. Daí como é que vai viabilizar isso? Aí a gente fez uma parceria, porque o trabalho era gigantesco, evidentemente que eu não sou super mulher, a gente fez uma parceria através de um contrato com a FUNDAP¹², que na época tinha também pessoas geniais, a Rose Inojosa¹³ que hoje trabalha na prefeitura, tinha o Sérgio Bilota¹⁴, Enfim, tinha gente muito boa. Pra vocês imaginarem, sintetizando bastante, qual foi a diretriz que eu dei, eu falei... Olha, primeiro eu fiz um corte cronológico para o acervo principalmente o arquivístico, o daqui pra trás e o daqui pra frente tomando a descentralização como referência. Então vamos ver quais foram as instituições que extinguíram totalmente, que não foram só transformadas e que não tem mais nenhum responsável pela custódia do documento. Isso vai pro museu. Os documentos deveriam ter tratamento arquivísticos já no momento de sua produção e deveriam ficar preservados na própria instituição, pois o arquivo serve primordialmente àqueles que o produziram. Ao Centro de Memória cabe normatizar, orientar pra dar o tratamento arquivístico adequado, treinar pessoal e referenciar o acervo. Nessa época eu fui chamada no Instituto Pasteur. Me chamaram pra ver o acervo que estava no porão. Gente, era tijolo! A umidade grudou, era literalmente arquivo morto, era um defunto insepulto!

Nossa!

Eu falei: “Gente! Isso aqui não dá mais, joga no lixo, não dá pra salvar isso. É lixo.” Então, assim de forma caótica, teve também o que havia no porão da Secretaria, na Doutor Arnaldo; era uma loucura, porque como não tinha tabela de temporalidade, nem descarte do que podia ser descartado, eles iam amontoando de qualquer jeito. Então tinha relação de remessa de papéis muito velhas... Eu falei: “Gente, joga fora isso.” Bom, aí criamos as famosas tabelas de temporalidade. Nossa estratégia era: primeiro trabalhar com a documentação referente à atividade- meio, porque o procedimento burocrático é o mesmo da maior unidade à menor unidade. Então a gente criou tabelas de temporalidade e metodologia para o descarte.

¹¹ Trata-se do Curso de Especialização em Organização de Arquivos da Universidade de São Paulo, que nesse período estava vinculado à Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP, depois será ministrado pelo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP.

¹² Fundação do Desenvolvimento Administrativo.

¹³ Rose Inojosa, funcionária da FUNDAP.

¹⁴ Sérgio Bilota, funcionário da FUNDAP.

Esse trabalho que você diz é você e a FUNDAP?

FUNDAP. Fundamentalmente. Eu com a FUNDAP, mas o grosso, a grande cabeça era a FUNDAP.

E como era a relação com o museu, vocês levavam, ele era só um lugar de guarda ou já estava se pensando em...

Por enquanto, nessa época era só de guarda.

Não tinha funcionário lá?

Tinha dois: dois velhinhos, um que era o seu Rui Ribas, que se aposentou pouco tempo depois e que era da Divisão de Transportes e tinha o Sr. Renato que também já está aposentado.

Tinha alguma exposição montada? Como era?

Tinha as cadeiras do Emílio Ribas, no grande salão superior e uma vitrine com alguns documentos do Emílio Ribas.

Isso que eu ia te perguntar, no dia que você chegou lá na Comissão pra organizar e ver os documentos e tudo, o que tinha no museu? Era só documentação do Emílio Ribas, objetos?

Só do Emílio Ribas.

Tinha mais então a parte de mobiliário então?

Não, era só a escrivaninha do Emílio Ribas, uma vitrine com documentos pessoais e óculos do Emílio Ribas e as cadeiras que já me referi. Não todo o mobiliário que tá lá não, porque a gente aproveitou esse grande descarte, na reestruturação da Secretaria e antes de ir pro DEMEX¹⁵ eu ia olhar e escolhia o que podia ser representativo para compor o acervo ou mesmo utilizado como mobiliário, então teve um monte de coisas, coisas lindíssimas, gente, que depois de restauradas ficaram incríveis. Imagine, iam pro DEMEX, DEMEX é o fim de linha, é o descarte final.

Já tinha aquelas jardineiras, aqueles carros lá?

Já tinha, aquilo já tinha e eu respeitei o “restauro” (pouco ortodoxo) feito pelos funcionários da Divisão de Transporte, até como símbolo de como os funcionários que se envolvem com o processo de trabalho tem amor a ele e respeitam a sua história..

¹⁵ DEMEX – Departamento Estadual de Material Excedente.

E no galpão não tinha documentação lá atrás, só tinha aquele espaço lá na frente?

Não. Tinha ao galpão que foi a salvação da pátria, porque eu comecei a mandar tudo pra lá, despeja tudo lá...

Lá na época no prédio, é bem grande lá, a Seção de Transporte já estava, o que mais tinha?

Mais nada. Não, tinha sim. Porque o prédio são três níveis, olhando de frente ao conjunto de prédios temos: o 1º que é a Divisão de Transporte, o Centro de Memória no centro e o último bloco era outro serviço, era alguma coisa ligada à Epidemiologia.

E lá atrás todo o transporte?

Lá atrás todo o transporte.

Chegaram antes...

É. Na verdade eu acho que foi uma evolução natural, pois no Desinfetório Central havia carros, primeiro puxados a cavalos e depois os primeiros automóveis (aqueles preservados pelos funcionários da Divisão de Transportes) que considero as “jóias” do Museu. Depois na evolução dos serviços, teve a Inspeção de Moléstias Transmissíveis, o Serviço de Epidemiologia enfim todos tinham viaturas. Foi o primeiro lugar onde havia uma infraestrutura de mecânica de automóveis.

E aí quando você começou esse trabalho com a FUNDAP já houve alguma relação com o SAESP¹⁶, como funcionou?

Tudo acontecendo ao mesmo tempo, gente. Tudo acontecendo ao mesmo tempo. Aí foi a criação do Sistema de Arquivos do Estado, aí me chamaram pra participar dessa Comissão¹⁷.

Era a Ieda¹⁸ na época já ou não?

Não. Era, acho que era Inês. Eu fui lá e falei: “Gente, eu tenho uma vivência concreta com documentos no serviço público”. No caso da Saúde (uma das maiores secretarias do Estado, além da Educação) o que eu vi é uma loucura!

¹⁶ SAESP – Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo.

¹⁷ Comissão de Avaliação e Descarte. Essas comissões foram criadas pelo SAESP e eram formadas por representantes de cada secretaria de governo para proceder ao diagnóstico da produção documental.

¹⁸ Ieda Pimenta Bernardes, diretora técnica do Departamento de Gestão do SAESP.

Da saúde?

Eu estava como representante da Saúde dentro do Sistema de Arquivos do Estado.

E tinha outra pessoa?

Haviam várias pessoas. De outras secretarias.

Da [Secretaria] Saúde tinha várias pessoas?

Não. Só eu.

E nesse período como era o seu vínculo lá na Secretaria da Saúde, você estava com cargo comissionado ou era concursada?

Eu tava concursada, eu era historiógrafa...

Você só foi transferida?

Só fui transferida. Historiógrafa do Gabinete. Aí no Sistema de Arquivos eu alertei o pessoal, mas a intenção era de recolher tudo! Falei: “Gente! A administração pública quer mais é se livrar dos papéis, porque é um custo grande: custo de espaço, custo de ordenação coisa que não tem sido feita, mas se recolhermos toda a documentação, além de ser inviável quanto a espaço, custo, etc., ficaremos responsáveis pela recuperação da informação e isso poderá ser cobrado e não teremos condições de atender!”

Então lá no SAESP essa era a ideia?

Na época era. Recolhe tudo. Eu falei: “Tá tudo desorganizado, não é esse o papel do Arquivo do Estado.” O Arquivo do Estado pra começar tem que criar um curso de arquivo e normatizar, oferecer treinamento, formação de arquivista pras diversas secretarias. Só a da Saúde e da Educação, que são as maiores secretarias é um mundo de papel! Vocês enlouqueceram, não façam isso, pelo amor de Deus! Bom, me indispus lá também.

Como era essa relação então do SAESP, você lembra se o pessoal do curso de arquivo¹⁹ tinha alguma relação, você já tinha terminado o curso?

Não, não tinha, era o pessoal do Arquivo mesmo. Tanto que, assim... Daí eu saí... “Gente! Não faça isso, não faça isso...” Saí, pois não conseguia me fazer ouvir e não sei como é que ficou.

¹⁹ Curso de Especialização em Organização de Arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (Universidade de São Paulo).

Não tinha tabela de temporalidade nesse período? Você não lembra se tinha?

Nada. Nada. Não tinha nada. Quer dizer, era como formular uma política pra isso, eu saí antecedendo isso. Na Saúde, depois que saiu o Montoro, foi o começo do desmanche do nosso trabalho. É difícil trabalhar assim, pois a gente leva um tempão para avançar um pouquinho e com uma canetada, vai tudo por água abaixo.

Já estava então descentralizada?

Já. Já estava descentralizado. Inclusive a crítica que eu faço à descentralização é que não houve tempo suficiente pras unidades menores (Ersas)²⁰ se organizarem, daí a falta de continuidade administrativa e outros aspectos políticos, enfim, a Secretaria passou a funcionar na base de portarias, acho que prejudicou muito o sentido original da descentralização. Um dos aspectos também negativos foi a falta de funcionários ligados ao processo de trabalho e à própria instituição a que pertencia. Inclusive era o mote do que eu pretendia fazer como projeto de doutoramento. Eu ia fazer sobre a Campanha da Erradicação da Varíola em São Paulo. Tem toda a documentação lá, quem quiser pegar e fazer seria uma boa. Qualquer assunto você pode analisar por “n” mil vertentes, tá? A minha vertente era administrativa. Toda formulação de campanhas de saúde vinham muitas vezes dos Estados Unidos, (OPAS, OMS)²¹ e era aquela coisa centralizada, muito formatada, de cima pra baixo. A estratégia da estruturação da campanha da varíola aqui em São Paulo foi o contrário, porque os “cabeças” da campanha, Dr. Ruy Soares, que foi um grande epidemiologista, eles fizeram ao contrário: a organização da campanha era da base pra cima. Lógico. A grande formulação seria do Gabinete, mas a realização, a viabilização disso era de baixo pra cima. Então foi criado como consequência dessa estratégia um espírito de corpo enorme entre motoristas, vacinadores, educadoras sanitárias; era tal a coesão e a otimização na realização da vacinação que foi atingida a meta, muito antes do tempo previsto. Porque eles é que conheciam a realidade social, era o dia a dia deles, eles que iam viabilizar isso, como é que ia acontecer. As pessoas sendo donas do processo de trabalho, realizam com mais criatividade e prazer cria-se “espírito de corpo” enorme, que inclusive, sobreviveu além da campanha. A CEV²² em São Paulo atingiu os objetivos muito antes dos prazos estabelecidos e com sucesso. E aquele pessoal, depois que cada um voltou pro seu “ninho”, eles se reconheciam e mudaram a qualidade dos serviços... Ah, você é da CEV! Isso já dizia tudo. Eu

²⁰ Ersas – Escritórios Regionais de Saúde.

²¹ OPAS – Organização Panamericana de Saúde e OMS – Organização Mundial de Saúde.

²² CVE – Campanha de Erradicação da Varíola.

ficava atrás de todos eles, dos educadores... Foi um período áureo, áureo pro Hospital Emílio Ribas. As educadoras de saúde eram pessoas fantásticas. Bom, enfim eu desisti, larguei o doutoramento, porque não me sentiria recompensada entre uma série de outros motivos.... Bom, enfim, o Sistema de Arquivos depois eu não sei como foi sua evolução e na SES começou o nosso desmanche. O Pinotti²³ entrou, já acabou com as nossas tabelas de temporalidade. Qual era a idéia? Pra não onerar a Secretaria, era treinar o pessoal de arquivo que existe nas unidades (que por sinal, não sei se hoje ainda é assim, mas na época o arquivo era castigo), era treinar esse pessoal lá no Centro de Memória. O arquivista do Centro deveria também ir às áreas técnicas e junto com estes, que produziram os documentos, como por exemplo, relatórios de atividades, etc, definir o que deveria ser preservado como documento histórico. O que eu tinha pensado pra viabilizar era pegar os órgãos próximos do Gabinete e com esses sim, a gente fazer um trabalho a fundo e o resto, por exemplo, unidades básicas, etc, tirar por amostragem, porque o procedimento é o mesmo. Então você viabilizaria tabelas de temporalidade, os descartes de documentos, você recuperava o valor jurídico administrativo e o histórico. Não sei como funciona hoje na Secretaria, mas na época esse trabalho não oneraria a Secretaria, ao contrário, você usaria as pessoas e a estrutura já existente e o espaço também. Porque o arquivo é um negócio vivo, ele tá circulando, o que você guarda de valor histórico não chega nem a 3% da porcentagem do material produzido. E agora com a informática então... Gente, tem que normatizar. Será que existe relatório anual de área? Tem que falar pro técnico, você tem que fazer esse relatório dizendo o que você pesquisou, o que você não pesquisou, o que você fez, o que você não fez. Essa é realmente a prestação de contas e a tão falada transparência administrativa. Hoje, não sei como fazer, teria que envolver técnicos de informática além de arquivistas e historiadores. Vocês jovens é que vão ter de definir isso.

Essas tabelas que vocês fizeram na época e tudo tem...

Eu acho que tá lá no arquivo, lá no Centro de Memória, nas coisas da FUNDAP, que isso tudo saía pela FUNDAP.

Retomando um pouco, daquela Comissão inicial então qual foi o produto que saiu? Da Comissão dos Cem Anos?

Saiu a inauguração do Museu, o tombamento do prédio, aí eu aproveitei que eu tinha ainda uma “raizinha” lá no CONDEPHAAT e foi a primeira coisa que eu pedi, o tombamento do prédio do Desinfetório Central, antes que aquilo

²³ José Aristodemo Pinotti, Secretario de Saúde (1987-1990).

virasse mais um “shopping”. Eu tinha voltado pro CONDEPHAAT, não mais como historiógrafa, mas como Conselheira, representando o IHGGB (que sempre esteve no meu coração).

Aí nesse momento que o prédio foi tombado... Como funcionaram as ações lá dentro do museu?

Então... Aí eu estava com uma massa de documentação que foi o grosso recolhido, estava lá, mas nada foi ordenado, porque eu não tinha mais prestígio nenhum no Gabinete, o Centro de Memória foi deixado de lado pela Administração. Eu só tinha a Rute de Castro (que hoje está no CCD²⁴) e o seu Renato, como funcionários e como é que eu vou fazer? A Rute foi meu braço direito e meu braço esquerdo.

Aí você já foi indicada pra ser diretora lá, aí você começou.

Sim. Sim. Fiquei como diretora. O CADAIS inclusive deixou de existir. Foi graças à Cáritas Basso, na época diretora do CADAIS, que criou o cargo de diretor técnico e eu passei oficialmente a ser a diretora do Centro. Eu me aposentei como diretora técnica de serviço, não era nem de divisão!

E aí saiu então desse dos cem anos, saiu a inauguração, o tombamento...

Saiu a inauguração, o tombamento, a exposição...

Como vocês pensaram na exposição?

Eu fiz tudo quase sozinha! Eu tinha a minha máquina Nikkon e eu fotografava, reproduzindo documentos. Ou a gente se “virava” pra fazer sozinhos as coisas ou então não saía nada.

E como a Secretaria lidava então com essa questão? Foi por conta dos cem anos, esse evento? Aí eles patrocinaram a exposição? Veio direto do Gabinete?

Sim. Sim. Patrocinaram assim, sem quase nada de dinheiro, então eu que fotografava, eu que ampliava, eu que escrevia, a Rute ajudava a montar e o pessoal da Divisão de Transportes ajudava a fazer os painéis.

Tinha um prazo por conta das festividades ou foi uma coisa que depois...

Depois foi retomado com calma, eu montei um “circo” mais ou menos ali pra ter a...

²⁴ CCD – Centro de Controle de Doenças.

Pra ter a inauguração.

E depois com calma eu fiz. E a ideia do Centro era isso... É como aquela música do Milton: “É ir onde o povo está”. Então, no Centro de Memória, tem as exposições permanentes, o acervo documental (museográfico e arquivístico) estão lá e atendem fundamentalmente a pesquisadores e alunos de 1º e 2º graus e outros grupos através de visitas agendadas e guiadas. Tinha também o próprio público de pesquisadores internos, ou seja, da própria Secretaria, além dos de universidades principalmente de Saúde Pública, Medicina Social.

E você que atendia os públicos?

Eu e a Rute. Aliás, foi muito engraçado, foi outra coisa que eu aprendi com a Rute... Às vezes eram universitários e eu acompanhava, mas outras vezes, eram estudantes de nível médio (eu acho que se por um lado a educação se democratizou e atinge maior número de pessoas, por outro lado o nível baixou). Eu mostrava e a Rute depois, “Jandira, olha, é melhor você não ir, deixa que eu vou porque eles não entendem o que você fala”.

Olha só...

Isso foi muito engraçado.

E aí o museu abria as portas diariamente ou era só...

Diariamente! Ficava aberto. A única coisa que eu pedia era pra agendar pra poder atender melhor a demanda, as questões suscitadas.

E ele tava vinculado à Secretaria?

Ao Gabinete. Porque quando o CADAIS foi extinto ele voltou pro Gabinete. Assim, o que eu queria fazer? Exposição fora da Secretaria, exposição no metrô, exposição... Sei lá, o cara tá com problema de HPV... Vamos fazer uma exposição lá no metrô do HPV porque a gente precisa informar e tal... Da onde surgiu, como, vamos pôr fotografia, vamos pôr texto, vamos fazer aquelas coisas que o Júlio Abe faz maravilhosamente, painel de rua que podem ficar ao ar livre, tomar sol, chuva... Porque a função é essa. Outra coisa que fazíamos era pedir pro pesquisador quando escrevesse o seu trabalho enviasse um exemplar pra gente e assim alimentar a memória do Centro. Isto era inclusive uma forma de poder me fundamentar sobre a importância do trabalho do Centro de Memória.

Então o museu surge nesse período, depois desses cem anos?

O Museu da Saúde Pública “Emílio Ribas” existia desde 1969. O que houve depois da Comemoração dos 100 anos de Saúde Pública foi a criação do

Centro de Memória dos Serviços Estaduais de Saúde Pública de São Paulo, que compreende o Museu.

E aí qual era então essa concepção, você pode falar? Do Centro de Memória quando ele foi criado?

Então... Isso foi o motivo da minha tese, tanto que eu falo... Olha, é um trabalho acadêmico, mas foi fundamentalmente um trabalho institucional. Então o que eu propus definir, quais são os registros materiais da memória, que no caso da memória de uma instituição fundamentalmente é seu arquivo. Mas também sua parte museológica, ou seja, as coleções que são artificialmente criadas, os objetos e equipamentos que davam base para o trabalho de saúde: equipamentos, mobiliário, outras coisas tridimensionais que, enfim, constituem coleções e que se deve definir o critério que você usou pra compor a coleção. Já o arquivo não, ele é orgânico, é outro critério. Biblioteca é também, tem uma outra definição, são também as coleções mas que recebem tratamento distinto. O que cabe num Centro de Memória? É bastante abrangente, pois cabem além dos citados outros documentos afins, mas o principal é o seu Arquivo. Ele é constituído pelos documentos que uma instituição produz e recebe no decurso de suas atividades. No Centro de Memória também cabem aqueles que se referem ao tema, você abre o leque de abrangência. Por exemplo, uma coisa legal e que tem lá é a coleção da Revista Arquivos de Higiene e Saúde Pública, a Hemeroteca (coleção de recortes de jornais)...

E qual é a origem desse acervo?

Então, a Revista Arquivos de Higiene e Saúde Pública era uma publicação do Instituto de Higiene que deu origem a Faculdade de Saúde Pública. Foi o Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza²⁵ que era da Secretaria e que criou o Instituto de Higiene... Teve também muita coisa que acabou indo pro Centro, mas estava fora do nosso escopo. Ou ainda, havia muitas duplicatas que a gente disponibilizou para outras instituições, pois só ocuparia espaço, além de estar fora do nosso projeto.

Então você acabava não ficando só restrita aos acervos da saúde?

Não, pelas razões que já citei, mas também acontecia de mandarem material que realmente estava fora do nosso contexto...

Você abriu então o leque?

Você abre. Você abre o leque de certa forma, mas dentro sempre do tema proposto.

²⁵ Geraldo Horácio de Paula Souza foi diretor do Serviço Sanitário Paulista de 1925-27.

Mas isso foi uma proposta sua ou veio do Gabinete?

Uma proposta minha. Tudo minha cabeça.

E aí deu origem à tese, você pensou antes, como foi?

Deu origem à tese. Tanto que a tese foi um exercício teórico prático.

Como foi, você fez pensando...

As perguntas fundamentais... O que é memória? Que memória eu estou me referindo? Quais são os registros materiais dessa memória? O suporte, a tipologia diferente, como que é tratado tudo isso? Que área do conhecimento tem a competência para ser eficiente? Aí você vai ter que “por os pingos nos is”...

E essas perguntas você tinha ajuda? Como foi a sua orientação lá na PUC?

A PUC foi ótima pelo aspecto liberal que tinha. A minha orientadora formal era a Irmã Leda, ela me mostrou o que era um arquivo. Ela não dava aula em sala de aula, ela dava aula lá, no Arquivo do Estado, a gente já ia direto lá. Pegar aqueles papéis velhíssimos com aquele cheiro horroroso! Aquele papel fininho, tudo caindo... Paleografia, você não entendia nada daquele negócio. Era um horror! Mas você aprende que historiador tem que lidar com aquilo, senão você tá fazendo folclore, você tá fazendo ficção, fonte secundária da fonte secundária. Bobagem.

Porque uma questão que passa a história do museu é que num primeiro momento então o projeto inicial era servir a memória do Emílio Ribas, daí quando você começa a trabalhar que abre...

É. Que abre...

Eu queria que você falasse um pouco como foi essa abertura, de ser um projeto inicial do Dr. José [Antonio Alves dos Santos], de ter um objetivo fechado, diferenciado, menor, pra essa abertura mais ampla, de ser um Centro de Referência da saúde de maneira geral.

Então... Abre nesse período do Dr João Yunes que era uma cabeça aberta e que dava abertura para eu poder apresentar minhas idéias, discutir com eles lá, com o Dr. Otávio Mercadante (na época Secretário Adjunto), ou seja, o que punha a mão na massa e sempre era incentivada: “Vai Jandira, vai firme”. Eles punham lenha na fogueira... e eles davam o aval. Foi isso. Como é que isso aqui foi gestado? Levou quatro anos, eu quase perdi o prazo. Na PUC você tinha que fazer, você fazia o exame de qualificação, era o seguinte: você vai numa salinha do departamento, senta com os professores e o pessoal fica questionando, mas

era um questionamento construtivo, não pra te derrubar, mas pra te ajudar, pegar suas contradições, o que tava faltando, onde que... Sabe? Era uma coisa assim pró-ativa. Não tinha inclusive nota, era assim... Você pode ir em frente, tá legal, você cobre essas lacunas... Ou... Olha, vai fazer outra coisa ou vai procurar esse negócio porque não tá bom, você não tá preparada pra qualificação. E também o que eles faziam que eu achava legal, você tem que dar uma aula, falar sobre o projeto. Então você fala para uma classe de alunos da pós. Ficou muito engraçado, porque eu não sabia... E aí me chamaram pra fazer a tal da aula. Comecei a falar de arquivo, etc, mas o pessoal não me parecia muito interessado... Então falei para a Professora Estefânia, eu acho que o pessoal aqui tá preocupado com a aula que você vai dar, é melhor eu ir embora. Ela respondeu: “Jandira, isso é teu exame de qualificação, você tem que continuar”.

Você não sabia...

Eu queria morrer!

Olha só...

Daí o que eu fiz, eu falei, mas aí foi tão legal, o pessoal ficou aceso quando eu comecei a falar de arquivo, falei dessas minhas experiências que eu estou agora falando pra vocês, o pessoal começou a atinar e no fim extrapolou o horário da aula e foi tudo bom.

Mas é que eu fiquei pensando nessa ampliação dos objetivos do museu, que antes era uma coisa...

Sim...

Aí veio por conta da tese, como foi?

As duas coisas concomitantes, a tese é antes de tudo fruto de uma necessidade concreta de trabalho e resultado dessa minha reflexão. Ao que me consta, não havia nada escrito aqui no Brasil sobre isto. Até despertou a curiosidade do pessoal da Fiocruz²⁶. O que havia era esses discursos aí... A memória nacional! O que é isso? É que eu sou meio obsessiva e fui atrás de definições. O que é memória nacional? Que memória específica se está falando? Pode ser memória de qualquer coisa, eu tenho memória de samba, a minha pessoal. Então, assim, quem é que pôs isso no papel, quem pensou isso? As ideias estavam soltas em muitas áreas do conhecimento inclusive até da psicologia social... Lógico, eu não sou nenhuma criativa assim, a única coisa que eu fiz foi responder ao meu questionamento, procurando essas várias áreas.

²⁶ Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz.

E aí quando houve essa ampliação então dos objetivos que o Centro de Memória ia abarcar, então em última instância de servir como memória da saúde de uma maneira geral?

Não, é só referente a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

E como foi esse respaldo lá na Secretaria?

Então, na época do Montoro foi ótimo, depois que saiu o Montoro foi caindo, caindo, caindo, até ficar terra arrasada, até chegar nos últimos anos, creio que 2006/7, quando no CCD, o coordenador (esqueci o nome dele graças a Deus) resolveu que ia fazer um negócio grandioso e passar área dos pesquisadores científicos etc., sem nenhuma fundamentação a não ser, a política! Foi quando passei a sofrer muito: não me dispensavam, mas também nem sequer ouviam ou leram o meu trabalho. O câncer me salvou: fiquei muito doente e me aposentei.

Claro.

Você pode ser pesquisador na área de arquivística, de museologia, mas se você der para o pesquisador que usa esse material como fonte de pesquisa, eu acho que muito louco, porque é como pegar o lobo para cuidar das ovelhas; haverá um conflito de interesses.

E como era essa relação então... Enfim, se propôs a ser um centro de referência, então você já tinha um acervo montado, como funcionou? Assim, uma política de acervo?

Sim. Então... Não consegui mais recolher quase nada, eu não tinha articulação... Bom, ou ia com o meu carro ou... Sabe? E vai esmorecendo, uma hora você cansa também.

Mas, então, o grosso da documentação que tá lá foi recolhida...

Foi. Foi na gestão Yunes.

Nesse período inicial.

É. O Mercadante era chefe de Gabinete, depois foi secretário adjunto... O Mercadante é uma cabeça maravilhosa, acho que vocês deveriam fazer uma boa entrevista com ele, pois na minha opinião ele é uma das pessoas hoje que melhor pode falar sobre a história da Secretaria e da Saúde Pública em geral.

É porque a gente percebe na história do museu que nesse período inicial ele ficou vinculado ao CADAIS...

Isso. Depois voltou pro Gabinete. Depois teve uma época que queriam que

fosse pro Instituto de Saúde. O Instituto de Saúde sempre querendo levar para sua subordinação.

Vinha do Instituto essa vontade.

É. Vinha do Instituto e vinha da CCD, que antes era Coordenação dos Institutos de Pesquisa.

Porque algum período foi vinculado ao CCD e depois volta a ser vinculado ao...

Era assim sem fundamento, acho que por interesses pessoais ou políticos e ninguém me consultava, entendeu? As coisas mudavam...

Na prática tinha muita mudança do trabalho do museu?

Não, na prática não, porque ficava eu e... Olha, pra vocês imaginarem, um dia caiu o telhado lá, eu falei: “Olha, ou vocês consertam ou eu vou chamar a defesa civil pra interditar o prédio.” Se você não tem apoio da administração, gente, desistam. Desistam, porque é dar “murro em ponta de faca”.

Como era esse contato com a Secretaria de Cultura? Aconteceu algum momento do museu...

Não. Não. E se isolou. Quer dizer, como eu acho também, eu não sei como que é, eu não posso falar de uma coisa que eu não sei, como é que andou o Arquivo do Estado, o Sistema de Arquivos eu não sei mais como andou...

A parte de formação deu certo? Você falou que no começo uma ideia era justamente pegar quem trabalha na área de arquivos para dar cursos, chegou a acontecer?

Também não deu. Na Secretaria tivemos até uma arquivista, que já tinha dado aulas em cursos de arquivo, que trabalhou com a gente lá no Centro. Mas depois ela saiu porque não conseguimos viabilizar esse nosso projeto e também porque pra ela, o salário era muito pequeno.

Então o acervo do museu acabou ficando muito assim esse núcleo inicial...

Praticamente sim. A gente dependia da boa vontade de quem pudesse doar, daqueles que tinham consciência da importância desse trabalho. Por exemplo, vocês vão encontrar material que o Dr. Mercadante teve o cuidado de enviar pro Centro de Memória, quando saiu do Gabinete...

Não foi realimentado. Aí então não tinha dentro da Secretaria uma ideia de... Isso aqui é histórico, deixa eu mandar lá pro museu.

Também acho que deve estar acontecendo ainda hoje isso, não sei, vocês que podem me responder isso, o nível de consciência sobre o valor da documentação produzida pelo técnico, (nunca teve controle de tramitação de documento técnico), então o que acontecia era aquele que produziu o documento se considerava dono dos mesmos? Quando se aposentava ou saía daquele serviço levava consigo ou simplesmente descartava o material. E acredito que não achava que estivesse fazendo algo errado, muito pelo contrário, achava que assim, poderia conservar (muitas vezes acho que tinham até razão, pois se deixassem o destino poderia ser o lixo mesmo). Eu tive uma atitude contrária, tudo que eu usei pra tese eu doei, deixei lá no Centro.

Tá lá.

Deixei os livros (comprados particularmente), doei xerox.... Outra coisa que eu fiz nesse trabalho, eu coloquei as fontes consultadas, porque pode vir a servir pra alguém.

Você podia falar mais ou menos como foram as ações do museu depois dessa implantação do Centro de Memória até o período que você saiu?

Olha não me lembro, mas uma ou outra exposição que eu consegui fazer com parceria, mas, assim, uma exposição, por exemplo, que a gente fez que foi itinerante... Acho que era a região de Ribeirão Preto, era um trabalho com crianças, desenhos feitos por eles sobre temas da saúde e a gente montou uma exposição itinerante. Teve, por exemplo, um trabalho com um pessoal da ECA, eram artistas plásticos cuja missão era a seguinte: eles foram em vários museus e a proposta era eles produzirem obras de arte sobre e ou relacionada ao acervo do museu. Na época eles me falaram que só tinham ouvido negativas. Eu achei ótimo. Eles diziam que dessa forma dariam visibilidade ao Museu.

E aí atendia pesquisadores? Como que era o fluxo?

Pesquisadores. Tem muita tese lá, vocês viram. Até aquela coleção da Companhia das Letras História da Vida Cotidiana no Brasil. Consultaram nosso acervo e deram crédito.

Então você fazia alguma política pra fazer mais aquisições de acervo da Secretaria?

Olha, eu nem fazia muito, porque não tinha quem cuidasse, não adianta você ter aquele monte de coisa e você não sabe o que é e não tem como informar. O documento ele passa a servir quando você recupera a informação.

E nesse tempo todo não teve então mais contato com o Arquivo do Estado também.

Não.

Nem no sentido deles irem ver o que tinha lá nem no sentido de saber se a documentação tava indo direto pra lá?

Nada. Morremos ambos, cada um no seu cantinho.

Entendi. A gente tem muitas coisas mais pra perguntar, a gente tá nessa fase agora como eu te disse de levantar esse acervo, mas a gente vai finalizar então. Temos muitas dúvidas ainda e com certeza a sua ajuda...

Acho que valeria a pena até fazer uma entrevista mais com relação ao museu histórico, eu fiquei aqui pensando um monte de coisa, mas também...

Olha, eu me coloco à disposição de vocês, o momento que vocês precisarem é só dar uma ligadinha...

Isso é ótimo.

Fico contente, gostei do brilho do olho de vocês duas...